

## Um elogio às existências plurais e errantes

*Por Julia Guimarães<sup>1</sup>*

Nas criações teatrais, a imagem da mulher costuma transitar por um campo limitado e muitas vezes estereotipado de representações. De um lado, aparece a mulher casta confinada ao espaço privado, qualificada por sua beleza e atributos domésticos. De outro, a mulher oprimida e violentada, que busca denunciar os crimes e injustiças imputados a ela. Há também a mulher transgressora que recebe (auto)punição por ultrapassar os limites de seu espaço na sociedade. Ou ainda, aquela que busca obter vantagens materiais dos seus atributos físicos. Entre tais lugares incessantemente repetidos, há, no entanto, um leque infinito de outras possibilidades, potentes para abordar o feminino em sua dimensão de multiplicidade e indeterminação.

É justamente nesse território intermediário, menos frequente na cena teatral, que se situa o espetáculo “Barro homem, barra mulher”, do Núcleo Experimental Barro 3, de São Paulo. Apresentado no Centro de Estudos Teatrais na última sexta-feira (07), na programação do Festivale, o espetáculo transita entre depoimentos reais e ficcionais do elenco para problematizar questões de gênero.

De caráter performativo, a encenação de Lucas França se constrói com poucos elementos de cena. Microfones, praticáveis e um quadrado traçados no chão do palco surgem potencializados por uma iluminação feita com lâmpadas frias, que quando ascendidas e apagadas, colaboram também para ressaltar a dinâmica fragmentada do espetáculo. Há uma simplicidade cênica que parece estar ali para sublinhar a aposta do grupo: a partilha de experiências entre quem vê e quem faz.

---

<sup>1</sup> Crítica do 33º Festivale. Pesquisadora, professora, crítica teatral e jornalista. É pós-doutoranda em Artes Cênicas na UFMG - onde atua como professora colaboradora - e concluiu seu doutorado na mesma área pela ECA/USP, com pesquisa em teatro contemporâneo.

---

A estrutura do espetáculo aparece dividida por “lições”, que versam sobre temas como o corpo, a morte, a indefinição, a escrita, o sexo. Rótulos e figuras arquetípicas, como a do “guerreiro”, da “bruxa” e da “puta”, surgem desconstruídos em cena, a partir de sua fricção com os depoimentos do elenco e da plateia. Há ainda, na dramaturgia assinada por Regi Ferreira, espaço para um trânsito sofisticado entre o cotidiano e a metáfora poética.

As três atrizes e o único ator do espetáculo se apresentam ao público pelo próprio nome. Seus depoimentos são construídos na forma de inquietações a serem divididas com o espectador. Em alguns deles, as representações sociais normativas são postas à prova na fricção com suas vivências.

O questionamento sobre o que é ser puta, proposto por Catarina, é um dos mais potentes no que se refere à subversão dos estereótipos vinculados à mulher. “Eu já devo ter transado com mais gente do que a maioria de vocês aqui”, nos conta a atriz, em interlocução direta com a plateia. “Eu tenho uma metralhadora de orgasmos entre as pernas”, completa, em referência ao órgão feminino cuja finalidade está exclusivamente vinculada ao prazer: o clitóris. Através dessas afirmações, o lugar do desejo feminino, historicamente sufocado e invisibilizado, surge dissociado de suas atribuições correntes. Por exemplo, da ideia, socialmente difundida e naturalizada, de que a mulher teria uma propensão “biológica” a sentir menos desejo sexual do que o homem.

É também a própria estigmatização sobre a liberdade sexual feminina que surge problematizada no depoimento de Catarina. “Mas como eu sou puta, se eu nem cobro?” – questiona, numa provocação que suscita o público a estranhar, pelo viés retórico da literalidade, as associações entre a figura da profissional do sexo à mulher que possui vários parceiros sexuais.

Já no depoimento de André, é o próprio processo de construção de gênero que se torna alvo de uma desnaturalização. O ator elenca uma série de palavras que colaboraram para moldar sua “identidade” nesse quesito, que vai

---

<sup>1</sup> Crítica do 33º Festivale. Pesquisadora, professora, crítica teatral e jornalista. É pós-doutoranda em Artes Cênicas na UFMG - onde atua como professora colaboradora - e concluiu seu doutorado na mesma área pela ECA/USP, com pesquisa em teatro contemporâneo.

---

desde o nome que lhe foi dado até a alcunha “campeão”, escutada pelo ator em diversos momentos da vida. Uma das passagens mais delicadas do seu depoimento ocorre quando conta que, na adolescência, reconhecia o próprio corpo como mais próximo ao de uma menina que de um menino, o que friccionava toda a construção social vivenciada em torno da ideia de masculinidade.

É também pelo diálogo com os espectadores que nos deparamos com as projeções de gênero encontradas nesse próprio grupo. Por exemplo, quando as atrizes leem ao microfone o questionário respondido pelo público na fila de espera para entrar no teatro, no qual descrevem seu ideal de “homem bom”. Ou quando respondem, durante o espetáculo, a uma série de perguntas, vinculadas ao modo como se apaixonam ou sobre como enxergam a figura da prostituta.

A participação do espectador, assim como o uso de depoimentos, colabora para criar na obra certo efeito de autenticidade que facilita o próprio processo de empatia com o trabalho. Tal efeito surge ressaltado também nas cenas em que se brinca com o acaso e com a temporalidade do acontecimento teatral. É o caso, por exemplo, da passagem em que André liga para um número aleatório de celular e estabelece, em menos de 5 minutos, uma conversa íntima com um desconhecido do outro lado da linha. Ou da carta que a atriz Giovanna Paiva lê em cena, escrita minutos antes, enquanto observava o público na entrada do teatro.

É também pelas palavras de Giovanna que o imaginário das representações femininas se abre para outras subjetividades, por exemplo, a de uma escritora que reflete sobre seu processo de criação. O depoimento sobre o desejo de eternizar-se por via da escrita ganha significados distintos quando a atriz descreve o histórico de câncer vivenciado por diversas pessoas da família. Constatação essa que a leva também a uma reflexão sobre o corpo em sua materialidade e finitude, além do desejo de não se fixar em uma identidade pré-

---

<sup>1</sup> Crítica do 33º Festivale. Pesquisadora, professora, crítica teatral e jornalista. É pós-doutoranda em Artes Cênicas na UFMG - onde atua como professora colaboradora - e concluiu seu doutorado na mesma área pela ECA/USP, com pesquisa em teatro contemporâneo.

---

estabelecida: “Não quero me empoderar, quero a liberdade. Quero ter possibilidade de existência enquanto errância”, declara para nós.

A última das lições é sobre Maria, a partir de reflexões da atriz Amanda Chaptiska. Trata-se do depoimento que mais explora uma linguagem poética em sua construção. Nas entrelinhas desse nome simples, estaria a mulher anônima, essa mulher que potencializa o lugar da coletividade, justamente por associar-se à figura do qualquer um. “Cadê o tempo de vocês?” – pergunta-nos.

É dessa multiplicidade de pontos de vista – calcados na recusa dos lugares-comuns associados ao gênero feminino e na ampliação das formas de vida possíveis em torno da experiência de ser mulher e ser homem – que o espetáculo reforça seu potencial de abertura e indeterminação sobre as noções de identidade e de gênero. Trata-se de uma postura bem-vinda em momentos nos quais a repetição de um leque reduzido de representações diminui o potencial de reflexividade e complexidade na abordagem teatral desses temas.

---

<sup>1</sup> Crítica do 33º Festivale. Pesquisadora, professora, crítica teatral e jornalista. É pós-doutoranda em Artes Cênicas na UFMG - onde atua como professora colaboradora - e concluiu seu doutorado na mesma área pela ECA/USP, com pesquisa em teatro contemporâneo.